



AS PERSPECTIVAS E EXPECTATIVAS DE JOVENS ESTUDANTES, NÃO BOLSISTAS, DE ENSINO MÉDIO DA REDE PRIVADA DE BELO HORIZONTE – MG, ACERCA DE SUA FORMAÇÃO ESCOLAR¹

Leandro Paulino Silva²

RESUMO: Este trabalho analisa a relação entre as condições socioeconômicas e as perspectivas e expectativas educacionais de jovens estudantes belo-horizontinos, não bolsistas, de nível médio que permanecem na rede privada de ensino. Para o alcance deste objetivo são apresentados estudos sobre os capitais econômico, social e cultural bourdieusiano, a psicologia Sócio-Histórica de Vygotsky, além de discussões relativas à construção da identidade e juventude. No desenvolvimento do trabalho metodológico de campo foram aplicados quatro questionários socioeconômicos e quatro entrevistas semiestruturadas em jovens estudantes de ensino médio privado da capital mineira. Ao se fazer a análise de conteúdo a partir dos dados coletados, foi possível verificar que em um contexto estrutural socioeconômico propício, os jovens pesquisados seguem um padrão educacional favorável de acesso, investimento e continuidade em sua formação que provavelmente culminará no ingresso na universidade, almejado por eles e suas famílias desde o início do processo de escolarização, o que contrasta com as perspectivas e expectativas de jovens de outras classes acometidos pela desigualdade socioeconômica e que, principalmente por esse fator, fracassam em sua trajetória de escolarização formal.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; Ensino privado; Perspectivas e expectativas educacionais; Juventude.

ABSTRACT: This article analyses the relation between socio-economic situation and the educational prospects and expectations of young students without scholarships from the city of Belo Horizonte attending private secondary schools. To this end an analysis is presented of Bourdieu's theory of economic, social and cultural capital, Vygotsky's social historical psychology and theories of identity and of youth, understood as constructions. Regarding the methodology employed in field studies, four socio-economic questionnaires and four semi-structured interviews were given to young secondary students from private schools in the city of Belo Horizonte, the capital of the State of Minas Gerais. Analysis of the data thus provided confirmed that when the context of the socio-economic structure was favourable, the subjects were able to obtain a standard of education regarding remain, investment and continuity of the educational process that would most probably culminate in university entrance, the result so highly prized by both the students and their families. This outcome contrasts with the prospects and expectations of youths from other social classes, who, predominantly due to the effect of socio-economic inequality, fail to succeed in the process of formal schooling

KEYWORDS: Education; Private education; Educational prospects and expectations; Youth.

1 INTRODUÇÃO

Esta produção refere-se à execução do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC ou monografia) do curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, campus São Gabriel. O seu objetivo geral foi conhecer as perspectivas (impressões e percepções) e as expectativas de jovens estudantes, não bolsistas, de ensino médio da rede privada de Belo Horizonte – MG, acerca de sua formação escolar.

Esse problema foi escolhido por consequência de outra pesquisa, realizada pelo autor entre os meses de março de 2014 a fevereiro de 2015, através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PROBIC) – “PROBIC/8799-2014”, financiado pela Pontifícia

¹ Trabalho orientado pela professora Isabela Saraiva de Queiroz.

² Graduado em Psicologia pela PUC Minas São Gabriel. leandro.psilva2009@hotmail.com

Universidade Católica de Minas Gerais e pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), cujo objetivo foi conhecer as perspectivas e as expectativas educacionais de jovens belo-horizontinos moradores de favelas. Seus resultados mostraram que em um contexto de desigualdade socioeconômica e de violação de direitos sociais as expectativas dos jovens entrevistados acerca da permanência na escola e ingresso na universidade são reduzidas porque também são reduzidas as condições materiais que proporcionariam uma perspectiva positiva em suas trajetórias escolar e/ou acadêmica.

No processo de produção deste TCC, foi feito um estudo da estrutura socioeconômica e dos mecanismos de reprodução das desigualdades através dos trabalhos de *Pierre Bourdieu* (sociólogo francês), com a apresentação de conceitos que estão no âmago da sua teoria: os capitais econômico, social e cultural (este último ligado diretamente ao processo educacional). Posteriormente, a partir dos estudos de Oliveira (1996), foi explicitada a concepção de ser humano que alicerçou esta pesquisa, qual seja, a perspectiva do sujeito sócio-histórico, desenvolvida pelo psicólogo bielorrusso *Lev Vygotsky*. Também trabalhou-se com o conceito de juventude em um horizonte psicossocial e de identidade como uma construção social. Por fim, realizou-se a descrição do trabalho metodológico de campo, que apresenta informações sobre os sujeitos pesquisados, os dados coletados e os instrumentos utilizados para essa coleta e a análise das informações coletadas, a partir de um levantamento de categorias, orientado pela técnica de análise de conteúdo, seguida pelas considerações finais.

2 A ESTRUTURA SOCIAL NA PERSPECTIVA DE PIERRE BOURDIEU

Inspirado pela perspectiva sociológica bourdiesiana acerca das relações de poder, intrinsecamente ligadas à educação, coloca-se em foco uma reflexão sobre um problema educacional que por vezes não é percebido, isto é, o sucesso escolar no nível básico de uma pequena parte da população que se encontra nas escolas privadas, em detrimento da ausência de progresso escolar da maioria dos estudantes de escolas públicas.

Pierre Bourdieu foi um sociólogo francês. Seus estudos são contemporâneos e usados em diferentes países, cujo modo de produção capitalista é parecido àquele onde sua teoria foi desenvolvida, o que inclui o Brasil. Ele denuncia a lógica da reprodução social das desigualdades. Aspecto central em sua teoria.

O sociólogo como todos os cientistas, tenta estabelecer leis, identificar regularidades, maneiras de serem regulares e definir os princípios destas. Porque não fazem algo ao léu, porque fazem o que fazem. [...] O mundo social não é um tipo de movi-

mento perpétuo, mudança permanente. Na época em que comecei a lidar com a sociologia, uma das palavras mais usadas pelos sociólogos era mutação: “tudo está em mutação”. Ainda hoje: “os homens mudam, as mulheres mudam”. Então rapidamente tive a impressão de estabilidade, inércia. Tentei então, graças às técnicas estatísticas, de um lado estabelecer esta inércia, esta constante, que, aliás, possibilita a ciência. É porque existem constantes que se pode empreender e também explicar, isto é, dizer por que é assim. Então, chega-se à desigualdade. Entre os fatores de estabilidade, de permanência, há evidentemente a transmissão do capital³. (Informação verbal).

Nesse trecho ele esclarece que apesar de todo o dinamismo social e das mudanças históricas, as desigualdades socioeconômicas se reproduzem sempre, ou seja, existe uma inércia acerca desse aspecto que atravessa os períodos históricos. Complementando, Setton (2015) traz a perspectiva dialética de Bourdieu ao defender que os condicionamentos materiais e simbólicos agem sobre o ser humano numa relação complexa e de maneira interdependente, isto é, a posição social e/ou o poder que se possui na sociedade não dependem apenas do volume de dinheiro ou do prestígio desfrutado pela sua escolaridade ou qualquer outra característica de destaque, mas da articulação do sentido simbólico que tais aspectos assumem em cada momento histórico. Nesse sentido, cabe ressaltar que o pressuposto desse trabalho defende que estamos em um momento histórico no qual as pessoas que possuem maior escolaridade e/ou maior acúmulo de dinheiro, têm vantagens socioeconômicas no que se refere ao acesso aos bens e serviços sobre aqueles que não os possuem.

Bourdieu tem uma concepção relacional e sistêmica do social. A estrutura social é vista como um sistema hierarquizado de poder e privilégio, determinado tanto pelas relações materiais e/ou econômicas (salário, renda) como pelas relações simbólicas (status) e/ou culturais (escolarização) entre os indivíduos. Segundo esse ponto de vista, a diferente localização dos grupos nessa estrutura social deriva da desigual distribuição de recursos e poderes de cada um de nós. (SETTON, 2015, p. 01).

Para abordar os recursos e poderes, Bourdieu faz referência a três tipos de capitais apresentados a seguir conforme Cazelli (2005):

³BOURDIEU, Pierre. **A sociologia é um esporte de combate**. Direção : Pierres Carles. Produção : Véronique Frégosi, Annie Gonzalez. Roteiro/Montagem : Virginie Charifi, Youssef Charifi, Claire Painchault, Bernard Sasia. C-P Produções e VF Films. França. 2001.

Capital econômico: pertinente aos fatores de produção, tais como terras, fábricas, trabalho e também os bens e serviços, o dinheiro, o patrimônio, ou seja, a produção material. Todos esses fatores são acumulados, reproduzidos e ampliados por meio de estratégias de investimento econômico, e promovem a obtenção e manutenção de relações sociais através de vínculos economicamente úteis. O capital econômico é fonte de todas as outras formas de capital.

Capital social: baseia-se em dois elementos. O primeiro refere-se às redes de relações sociais que permitem que o indivíduo tenha acesso aos recursos dos outros membros do grupo, essas relações são institucionalizadas e de reconhecimento e interreconhecimento mútuo, os quais permitem trocas materiais e simbólicas em que o indivíduo internaliza o sentimento de pertencimento aos grupos, que são a família, a escola, o clube que frequenta, entre outros. O segundo elemento é pertinente à qualidade e quantidade dos recursos que esses grupos possuem, e se é assim, depende então da extensão da rede de relações que o indivíduo possui e pode mobilizar diferentes formas de capital (econômico e cultural). Nessa perspectiva, quanto maiores são os recursos materiais e simbólicos dos grupos aos quais pertencem, maiores são os benefícios adquiridos pelos indivíduos, o que leva à reprodução do fortalecimento do capital social de alguns grupos em detrimento de outros.

Capital cultural: segundo a autora supracitada, esse termo foi desenvolvido por Bourdieu devido à necessidade de compreensão da desigualdade de desempenho escolar de indivíduos de diferentes classes sociais. **Enfatiza que a diminuição do fator econômico está relacionada à diminuição do capital cultural.**

Quadro 1: Elaborado pelo autor.

O capital cultural pode ser materializado de três formas:

Estado incorporado: seus principais elementos são o (1) gosto, produzido socialmente, é o resultado de um processo dependente das condições materiais e simbólicas, (2) o domínio maior ou menor da língua culta e (3) as informações sobre o conteúdo e sobre o benefício da escolarização. Essa forma de capital cultural demanda tempo e condições favoráveis à internalização dos saberes, sendo realizada pessoalmente pelo indivíduo. Assim, se a família possui as referências culturais que são valorizadas, os conhecimentos considerados apropriados e legítimos e o domínio sobre a norma culta da língua, isso, com certeza, será um potencializador marcante do desempenho e progresso escolar de seus descendentes, pois forma-se uma ponte entre família e escola, o que facilita a escolarização;

Estado objetivado: refere-se literalmente aos bens objetivos disponíveis no cotidiano dos indivíduos, são as esculturas, pinturas, livros, música, computadores entre outros. Para acessar essa forma de capital cultural é necessário primeiramente ter posse do capital econômico, o qual garante o acesso a esses bens materiais, contudo, apenas a adesão material não garante a apropriação simbólica, pois é o capital cultural incorporado que possibilita decifrar os códigos presentes nesses objetos;

Estado institucionalizado: pertinente à materialização do capital cultural através de diplomas e títulos que só podem ser garantidos pelas instituições de ensino.

Quadro 2: Elaborado pelo autor.

Nessa perspectiva, quando se tem acesso ao conjunto dos três capitais que abrangem as dimensões material, simbólica e cultural, se tem uma situação privilegiada e prestigiada na sociedade (*o capital simbólico*). Como nem todos têm acesso aos bens simbólicos valorizados pela parcela dominante da sociedade, produz-se e reproduz-se, segundo Socha (2015), desigualdade. Tal perspectiva corrobora com a posição defendida nesse trabalho, de que o acesso à educação de qualidade ao mesmo tempo que promove benefícios para o grupo social hegemônico, baseia-se no fato de que tal parcela social já possui esses benefícios. Ao mesmo tempo, aqueles que estão impossibilitados de acessar os capitais econômico e social encontram-se, também, fora do alcance da educação de qualidade. Assim o *habitus* do grupo privilegiado

é supervalorizado, enquanto o de outros grupos é desvalorizado, levando os indivíduos a sofrerem preconceitos e discriminação. *Habitus*, para Bourdieu, é um:

sistema aberto de disposições, ações e percepções que os indivíduos adquirem com o tempo em suas experiências sociais (tanto na dimensão material, corpórea, quanto simbólica, cultural, entre outras). O *habitus* vai, no entanto, além do indivíduo, diz respeito às estruturas relacionais nas quais está inserido, possibilitando a compreensão tanto de sua posição num campo quanto do seu conjunto de capitais. (SOCHA, 2015, p. 01).

Nesse horizonte explica-se também a violência simbólica, através da qual os grupos dominados naturalizam sua situação socioeconômica como uma condição estática, o que, segundo Socha (2015), Bourdieu denomina como *dominação consentida*, que é consequência de uma aceitação das crenças e regras arbitrárias do grupo dominante como se elas fossem naturais, o que leva à formação de uma consciência acrítica e à reprodução das desigualdades sociais, também, por aqueles acometidos por elas.

3 O SUJEITO SÓCIO-HISTÓRICO NA PERSPECTIVA DE LEV VYGOTSKY

A partir dessa compreensão sociológica da relação entre o sujeito e a estrutura socioeconômica, discutiremos a seguir alguns aspectos dos estudos do psicólogo Lev Vygotsky, e sua teoria sobre o funcionamento psicológico, o qual se dá por interação com o meio social. Ele foi um psicólogo bielorusso que segundo Ferrari (2015) elaborou estudos, sobre desenvolvimento intelectual, que tornaram-se grande atrativo para os educadores e psicólogos que priorizam as relações sociais no processo educativo e subjetivo. E para apresentar a perspectiva da psicologia Sócio-Histórica vygotskyana, que baseia-se na lógica dialética entre sujeito e sociedade, será utilizado os estudos de Oliveira (1996), que nos traz um dos principais conteúdos da teoria do pensador, os quatros planos genéticos:

A filogênese: refere-se à história da espécie humana, que define limites e possibilidades biológicas e psicológicas aos indivíduos. Por exemplo, somos bípedes, conseguimos fazer o movimento de pinça com os dedos das mãos, entre muitas outras características que são fundamentais para o desenvolvimento psicológico. Enquanto características da espécie humana a mais importante é a plasticidade do cérebro, pois essa é a “chave” para a adaptação ao meio. Sendo assim, o ser humano é o animal “menos pronto para nascer”, pois o seu desenvolvimento é tão “em aberto” que varia de um ambiente para outro, culminando em diferentes formas de adaptação.

A ontogênese: refere-se à história do indivíduo no interior da sua espécie, a qual varia em ritmo e sequência específicos (por exemplo: o bebê tende a sentar, engatinhar e andar). Este plano genético, a ontogênese, está ligado fortemente à filogênese, por ambos terem primazia biológica e estarem ligados a características intrínsecas à espécie, ainda que se considere a influência direta do contexto no desenvolvimento do indivíduo.

A sociogênese: refere-se à história cultural do meio em que o indivíduo se desenvolve, ou seja, as formas de funcionamento social por meio das quais o sujeito internaliza as práticas que ali estão e assim constrói seu funcionamento psicológico. Este plano cultural, devido à plasticidade cerebral, funciona como um “alargador” das possibilidades do sujeito na interação com o meio ambiente, por exemplo, o ser humano fisiologicamente é incapaz de voar, mas construiu o avião para que pudesse fazê-lo. É nesse plano que se dão as representações de mundo que variam dinamicamente em tempo e espaço nos vários grupos sociais e nas várias sociedades.

A microgênese: refere-se a um aspecto microscópico (micro aqui tem a conotação de foco para algo específico) do desenvolvimento, em que cada fenômeno psicológico tem sua própria história, é algo que acontece entre um aprendizado e outro. Por exemplo, a criança que aprende a amarrar o cadarço do sapato, ao aprender a amarrá-lo houve ali uma experiência que foi internalizada de forma única e que não se repetirá para mais ninguém. Oliveira (1996) diz que esse plano é fundamental na teoria vygotskyana, pois, ao contrário da filogênese e da ontogênese, que são determinadas por características da espécie, e da sociogênese, que é definida social e historicamente, a *microgênese refere-se à história singular de cada sujeito, levando à heterogeneidade dos seres humanos*. Nesse plano, as experiências entre as pessoas, por mais parecidas que sejam, sempre levarão a resultados diferentes. Esse horizonte é importantíssimo, pois potencializa a possibilidade de mudança individual e social.

Quadro 3: Elaborado pelo autor.

Essa apresentação dos planos genéticos da psicologia Sócio-Histórica é de grande valia para esse trabalho, uma vez que as respostas dos sujeitos entrevistados nesta pesquisa serão analisadas nessa perspectiva, que considera a mediação simbólica, ou seja, algo que está interposto entre uma coisa e outra, como fator decisivo para a compreensão de que a relação entre o sujeito e o mundo é mediada por instrumentos materiais e signos mentais, que são elementos que representam ou expressam outros objetos e que são fundamentalmente construídos na cultura. Nessa compreensão a linguagem é o principal instrumento de representação simbólica, proporcionando a capacidade de se deparar com um objeto e saber o que ele significa previamente.

A explanação acima é fundamental para a compreensão do tema aqui desenvolvido, pois, quando fazemos referência aos resultados do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), divulgados ao longo dos anos, dos estudantes da rede de ensino privado, é notável que eles internalizaram maior repertório dos conhecimentos socialmente desenvolvidos e valorizados, pois estão em um contexto social favorável para a *internalização dos signos* que ali são disponibilizados e posteriormente cobrados no exame, ou seja, em seu contexto familiar e escolar o *capital cultural* foi amplamente oferecido, existiu ali um contato cotidiano com os saberes e conhecimentos que possuem maior valor simbólico em detrimento de saberes de

outros grupos da sociedade, o que leva à disparidade de desempenho entre eles e os estudantes da rede pública de ensino.

Após apresentar a concepção de sujeito que orienta esta pesquisa, abordaremos a concepção de juventude, que é a fase etária na qual os sujeitos pesquisados encontram-se e também a construção da identidade.

3.1 Juventude e identidade: construções sociais

Ao se tratar do estudo da juventude, considerada para alguns autores como o período que abrange a faixa etária entre 12 e 30 anos, é necessário ressaltar que se trata de um conceito ainda em construção, sendo tratado de diversas formas no contexto da Psicologia. Um ponto de partida de todas elas é o seu período inicial, que coincide com a puberdade, ou seja, período biológico de maturação sexual e cognitiva, que ocorre em torno dos 12 anos de idade. Matheus (2002) aponta que o termo *adolescência* parece ser privilegiado nos campos da psicologia voltados para uma visão biológica do ser humano e também na psicanálise, pois ambos têm como foco a singularidade do sujeito, tomado como um indivíduo que constrói pela sua experiência subjetiva a realidade, a qual é determinada por características físicas e psíquicas individuais.

Já o termo *juventude* encontra-se no interior de uma segunda vertente de estudos que influenciam a psicologia, cujas bases teóricas são a sociologia, a antropologia e a história, priorizando uma leitura com foco nas construções históricas e culturais.

O conceito de juventude em uma ótica psicossocial crítica corresponde a uma construção histórica, cultural e relacional, a qual através de diferentes épocas e processos histórico-sociais foi adquirindo conotações e delimitações diferentes. Atualmente em nossa sociedade sua delimitação, segundo a ONU (2013), é compreendida entre 15 e 24 anos e, a partir disso, essa é a faixa etária considerada para a seleção dos sujeitos desta pesquisa.

Além de estarem nessa fase considerada crítica os sujeitos da pesquisa também se encontram em um contexto socioeconômico (privilegiado pelo acesso aos capitais econômico, social e cultural) cuja dinâmica e exigências focam ao máximo no desempenho para o ingresso na universidade e no mercado de trabalho, fato marcante em sua socialização e construção de suas identidades.

Nesse momento cabe apontar um conceito de identidade, entendida como uma condição humana possibilitada pela liberdade em relação à natureza, ou seja, pelas funções psicológicas superiores, pois não somos apenas animais, mas seres culturais, resultado “do esforço

humano de construir sua existência” (ARANHA, 1996, p. 39). Isso porque temos a capacidade de internalizar, elaborar e transformar signos existentes no contexto em que vivemos, os quais *representam* os elementos materiais e subjetivos em um processo dialético (em movimento), possibilitando, assim a socialização: por um lado, reprodução de conhecimentos e de desigualdades sociais, mas por outro, a possibilidade de transformação ativa da sociedade. Nesse processo, o primeiro grupo social que o sujeito se depara ao nascer é a família (salvo em casos excepcionais). Tal família pode não necessariamente se constituir por laços consanguíneos. Na família o sujeito recebe um nome e sobrenome(s). Ciampa (2002) fala que a diferença e a igualdade são conceitos fundamentais à noção de identidade, assim o primeiro nome diferencia o sujeito dos outros membros e o sobrenome lhe dá a ideia de pertencer a uma família. Posteriormente, ocorre uma expansão de relações, que vai acontecendo em outros grupos sociais, assim, normas e valores específicos da cultura são transmitidos para as novas gerações.

Partindo da premissa da construção identitária e da possibilidade de transformação social, é pertinente pesquisar as perspectivas de estudantes com acesso ao nível médio de ensino da rede privada e seus processos de socialização em um contexto socioeconômico privilegiado. Portanto, analisar se o ensino privado e condições materiais favoráveis possibilitam a transmissão de valores éticos e de cidadania para esses jovens, mostra-se relevante para os campos de estudo da psicologia.

4 METODOLOGIA: O NÃO ACESSO AO UNIVERSO DE PESQUISA

Após a apresentação do referencial teórico que orienta este trabalho, chega-se ao capítulo metodológico. Aqui, a ideia inicial para a seleção dos sujeitos participantes desta pesquisa era *acessar uma instituição privada de ensino médio de Belo Horizonte* (o universo de pesquisa), onde seria escolhido um grupo de educandos que se interessassem pela pesquisa após apresentação prévia dos objetivos e posteriormente responder a um questionário socioeconômico. A partir da análise dos dados coletados neste questionário seriam selecionados para responder uma entrevista individual semiestruturada, aqueles jovens que possuísem maior renda domiciliar, cujos membros da família e/ou responsáveis tivessem maior escolaridade. A justificativa para a adoção de tais critérios era selecionar moças e rapazes que possuísem os capitais econômico, social e cultural, ou seja, estudantes cujas condições materiais fossem as melhores. Porém, depois de várias tentativas de adentrar em uma escola de ensino privado, isso não foi possível:

1º tentativa: verificou-se com certo número de professores da PUC Minas, campus São Gabriel, se algum deles possuía contato que facilitasse a comunicação com instituições da rede privada de ensino médio em Belo Horizonte. A resposta foi negativa;
2º tentativa: verificou-se com colegas e conhecidos fora e dentro da academia tal possibilidade. A resposta também foi negativa;
3º tentativa: foi feito o pedido diretamente a um conceituado colégio particular localizado na zona sul da capital mineira através de e-mail. A resposta literal do canal de comunicação da instituição foi: “[...] Bom dia. A experiência com essas pesquisas não tem trazido nenhum retorno para a escola. Consomem tempo dos alunos e das aulas. Estamos no final de ano e os professores pedem para evitarmos interrupção de aulas. Vários pais não permitem que os filhos deem essas informações. Lamento, [...].”

Quadro 4: Elaborado pelo autor.

Após esse fracasso inicial na execução dos procedimentos para captar os sujeitos, optamos pela utilização da técnica de seleção chamada *snowballsampling* ou “Bola de Neve”. Baldin e Munhoz (2011) afirmam que Velasco e Rada (1997), apontaram que a pesquisa de campo é uma investigação sociocultural que necessita de procedimentos para a organização do conhecimento que é produzido. Nesse horizonte esses estudiosos informaram que uma importante técnica metodológica, não probabilística, no processo investigativo é a “Bola de Neve”, na qual o(s) participante(s) inicial(is) indicam um novo participante, que por sua vez, indica outro até que se consiga o número proposto e/ou o ponto de saturação (isto é, quando se chega ao ponto em que as respostas de novos sujeitos não acrescentam mais nada nos resultados já encontrados, sendo este o momento em que a busca de novos sujeitos de pesquisa pode ser encerrada devido à repetição do conteúdo).

Então, através da indicação de uma pessoa conhecida pelo pesquisador o primeiro sujeito foi encontrado. Ele indicou uma amiga, que por sua vez indicou outras duas moças, totalizando em três entrevistadas e um entrevistado que estudam no mesmo colégio particular de Belo Horizonte. Todos são menores de idade e houve por escrito a autorização dos pais através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A técnica se mostrou eficiente, contudo, não foi possível seguir o objetivo de selecionar sujeitos de maior renda e/ou de famílias nas quais os membros possuíssem elevado grau de formação acadêmica, pois em certa medida as indicações seguiram apenas o parâmetro principal, jovens estudantes de ensino médio da rede privada que não recebem bolsa de estudo.

O instrumento utilizado para a coleta das informações foi uma entrevista semiestruturada que, segundo Minayo (2002), oferece condições para se correlacionar hipóteses previamente elaboradas, buscando respostas para os problemas estabelecidos e também a otimização da interpretação dos dados. Apesar da pesquisa de método qualitativo não possibilitar a generalização dos resultados, ela possui grande validade interna, o que possibilita verificar particularidades e especificidades do grupo e/ou sujeito estudado. A partir das entrevistas individuais

foi possível explorar as expectativas dos(as) jovens sobre a realidade em um contexto privilegiado socioeconomicamente.

Além da entrevista foi utilizado um questionário socioeconômico, elaborado pela equipe do projeto “Articulando Redes, Fortalecendo Comunidades⁴”, que foi adaptado para a presente pesquisa. Nele há questões referentes à moradia, renda familiar mensal, escolaridade e profissão dos pais, irmãos e irmãs, etc. Sobre tal instrumento, Chagas (2000) diz que o questionário é um conjunto de questões elaboradas a priori e com pertinência aos dados que se deseja coletar, tornando essa captação eficiente e objetiva. A partir das informações colhidas, tanto na entrevista quanto no questionário, apresentamos e caracterizamos os sujeitos da pesquisa.

Para uma boa visualização dos dados dos sujeitos(as) e seus contextos de vida relacionados à sua formação educacional, foram elaborados quadros, que serão apresentados no decorrer da análise. Para apontar o sexo do entrevistado e entrevistadas utilizamos duas letras específicas (“M” e “F”), em que “JF” refere-se às moças e “JM” ao rapaz e para distingui-los serão utilizados números que seguirão uma ordem crescente, que começará com o número “11”, pelo fato de na pesquisa anterior, que inspirou a produção desta monografia (*conforme esclarecido na introdução*), dez sujeitos foram entrevistados e os números utilizados para identificá-los foram de “01 a 10”.

⁴ “Articulando redes, fortalecendo comunidades” é um projeto de extensão da PUC Minas, dos cursos de Psicologia e Comunicação Social, que atua nas comunidades Lajedo, Vila Cemig e São Gabriel. A interação com responsáveis e extensionistas do projeto, facilitou o acesso ao questionário que foi utilizado na presente pesquisa.

Caracterização dos sujeitos(as)						
Suj.	Idade	Situação educacional	Com quem mora	Profissão atual	Condições da moradia	
JM11	17	3º do ensino médio	Pai, mãe e duas irmãs	Estudante	Apartamento com nove cômodos	
JF12	17	3º do ensino médio	Pai, mãe e uma irmã	Estudante	Casa com seis cômodos	
JF13	17	3º do ensino médio	Pai, mãe e dois irmãos	Estudante	Casa com onze cômodos	
JF14	17	3º do ensino médio	Pai, mãe e uma irmã	Estudante	Apartamento com sete cômodos	
Caracterização das famílias dos sujeitos(as)						
Suj.	Situação educacional da mãe	Situação educacional do pai	Situação educacional dos (as) irmãos(ãs)	Profissão da mãe	Profissão do pai	Profissão dos(as) irmãos(ãs)
JM11	Ensino superior completo	Ensino superior completo	Uma cursa o 6º período em direito na UFMG e a outra cursa o ensino fundamental (ensino privado)	Professora da rede pública de ensino	Assessor de risco em uma companhia elétrica	Estagiária em direito e estudante
JF12	Ensino médio completo	Ensino médio incompleto	1º ano do ensino fundamental (sete anos de idade – ensino privado)	Atendente em farmácia	Encarregado em fábrica de peças automotivas	Estudante
JF13	Ensino superior completo	Ensino superior completo	Um deles cursa direito e o outro cursa o 9º ano do ensino fundamental (ensino privado)	Fisioterapeuta	Médico (laringologista)	Estudantes
JF14	Ensino médio incompleto	Ensino superior completo	Ensino superior completo	Vendedora	Agropecuária	Oficial de justiça

Quadro 5: Elaborado pelo autor.

A técnica de análise adotada foi a “análise de conteúdo” que, segundo Minayo (2002), viabiliza o encontro de respostas para as questões formuladas confirmando ou não as afirmações estabelecidas anteriormente com a possibilidade de descobrir novas questões e interpretar analiticamente o que está latente no conteúdo manifesto nas falas dos entrevistados. Complementando, essa autora traz que são estabelecidas três finalidades para a etapa de análise dos dados: (1) estabelecer uma compreensão dos dados coletados; (2) confirmar ou não as hipóteses da pesquisa e/ou responder as questões que foram formuladas; (3) ampliar o conhecimento sobre o tema no contexto cultural onde se está.

Ao longo do levantamento bibliográfico e durante a coleta dos dados foram elaboradas duas categorias para a análise, isto é, as perspectivas educacionais e as expectativas acadêmicas dos jovens. Segundo Minayo (2002), categoria está ligada à ideia de classe e/ou série,

sempre no sentido de estabelecer classificações. Nesse horizonte, utilizá-las requer o agrupamento de informações pertinentes a um conceito que possa expressar e/ou abranger os dados coletados, podendo ser estabelecidas antes do trabalho (são mais gerais e abstratas, sendo necessário maior investimento teórico) e/ou durante a fase exploratória, ou seja, na coleta dos dados (sendo formuladas de forma mais específica e concreta). Outra informação importante sobre categorias trazida pela autora é que elas podem ser utilizadas em qualquer tipo de análise em pesquisa qualitativa.

Nesse ponto do trabalho é indispensável lembrar que o conteúdo das entrevistas e dos questionários foi interpretado a partir da perspectiva da psicologia Sócio-Histórica de Lev Vygotsky, o qual formulou que a relação entre o sujeito e o mundo se dá através de instrumentos materiais e signos mentais, que necessariamente são objetivos, ou seja, são signos construídos socialmente e internalizados pelo sujeito. Gonçalves (2005), acerca do método de pesquisa, fala que a psicologia social Sócio-Histórica de base marxista enfoca a relação entre sujeito e sociedade, privilegiando a produção à luz da gênese histórica da atividade social do indivíduo que se apropriou dos significados sociais, atribuindo a eles sentidos pessoais. É a partir dessa compreensão que passamos agora para a análise das categorias.

4.1 Categoria 1 – Perspectivas educacionais: a importância da educação

Segundo o Dicionário eletrônico de língua portuguesa Houaiss, perspectiva refere-se à: “vista ao longe, até onde os olhos alcançam; [...] forma ou aparência sob a qual algo se apresenta, [...] configuração externa” (HOUAISS, 2009, p. 1561). A partir desses significados, definimos neste trabalho que *perspectiva educacional é a forma que os sujeitos interpretam a escolarização, a partir de suas experiências enquanto jovens que estudam em um colégio da rede privada de ensino*. Cabe ressaltar que, devido a essa condição, seus pontos de vista educacionais se configuram de maneira parecida, considerando é claro, a singularidade de cada um, uma vez que, conforme Oliveira (1996) destaca em sua análise sobre os estudos de Vygotsky, por mais parecidas que sejam as histórias das pessoas de determinado grupo é impossível que elas sejam idênticas.

Assim, para analisar as perspectivas educacionais dos sujeitos, foram elaboradas perguntas no roteiro de entrevista com vistas à captação de tal conteúdo. A partir dessas indagações chegamos às seguintes informações:

Qual a importância dos estudos pra você?	
M11	“Eu acho que se você tem uma perspectiva [...] de algum lugar que você quer se estabelecer, em algum cargo, em alguma coisa assim, é, isso depende de seu conhecimento, de sua experiência e o estudo é exatamente isso, você adquirir conhecimento, pra você te possibilitar esse lugar.”
F12	“[...] a educação no nosso país, ela é muito fraca, a educação pública, e algumas particulares também. Então se você quer ter um estudo bom, cê tem que pagar uma escola boa, pra você ter uma chance [...] pra você conseguir entrar numa faculdade boa, entrar com uma pontuação boa e ter uma base pra o seu curso que você quer seguir.”
F13	“É aprender a viver em sociedade, aprender a ter uma formação, aprender a [...] se especializar em determinada área que você gostaria de trabalhar, entrar no mercado de trabalho, saber viver da melhor forma possível, qualidade de vida e, é só.”
F14	“Eu acho que o estudo [...] é o que engrandece o homem. O que torna a gente humano, né? O que torna a gente em contato com o conhecimento. E o conhecimento é a base da mente, sem conhecimento a gente não trabalha, a gente vira animal.”

Quadro 6: Elaborado pelo autor.

Ao analisar os trechos das respostas acerca da importância da escolarização em nossa sociedade as perspectivas dos quatro estudantes convergem em um aspecto, a preparação para a entrada no mercado de trabalho. Com base nas falas de JM11, JF12 e JF13, verificamos que, para eles, a principal consequência do acesso a uma educação de qualidade é a conquista e/ou manutenção de uma condição socioeconômica estável e acima da média, decorrente do fato de se ter a empregabilidade como especialista em determinada área profissional assegurada. JF14 também aponta a importância de uma boa escolarização para acessar bons postos de trabalho, mas de maneira mais sofisticada, já que ela consegue trazer um ponto de vista antropológico marxista, ao dizer que, para além do emprego, o que nos faz humanos é a cultura, a qual se baseia na transformação da natureza em consequência de nossa ação que é o trabalho.

Com essa leitura podemos verificar que o contexto escolar no qual esses jovens estão inseridos é capaz de fazê-los perceber a competitividade do mercado de trabalho e educacional e enxergar o panorama de nossa sociedade em relação às desigualdades socioeconômicas. Nesse sentido, quando são indagados se existem dificuldades para que jovens estudem, os mesmos conseguem se situar em determinado grupo privilegiado em relação às condições materiais e à qualidade do ensino que recebem.

Existem dificuldades para que os jovens estudem atualmente?	
M11	“Eu não acho que tenha para as pessoas que tão no meu ciclo pessoal, meu ciclo social . Eu acho que é realmente só pegar um livro ler, pegar um computador, uma matéria de tal coisa.” (grifo nosso)
F12	“Existem várias. [...] Em relação à questão financeira porque eu tive problemas esse ano, porque meu pai foi demitido do emprego e aí a gente ficou com uma pendência financeira com a escola, então eu tive muito medo de ter que sair da escola. [...] porque dependendo do ambiente escolar que a escola, as escolas públicas, oferecem, também prejudica muito a formação.”
F14	“Absolutamente. Muitas dificuldades. [...] um jovem que não tem nem saneamento básico em casa, como que ele vai conseguir ir para a escola? Sabe? Às vezes a mãe e o pai bebem ou são drogados, ou coisa do tipo e eles tem que trabalhar, acaba não indo pra escola assim, falta. Mas como tem obrigação de ir, né, eles acabam indo e a escola nem sempre é de qualidade, né? Até mesmo as merendas eles cortaram aí das crianças, é meio ‘punk’”.

Quadro 7: Elaborado pelo autor.

“Meu ciclo social”, nesse trecho FM11 declara que reconhece as diferenças de classes socioeconômicas e sua grande influência nas condições e no acesso a uma boa escolarização, destacando que ele está em um lugar socioeconômico que beneficia sua formação escolar. Isso significa que ele possui o *capital econômico*, ou seja, situação privilegiada de acesso a bens e serviços, dinheiro e patrimônio familiar, o que possibilita que ele apenas estude e *não* tenha que se preocupar com questões básicas de subsistência. Sua experiência enquanto sujeito pertencente a um grupo socioeconômico privilegiado contrasta com a realidade de JF12, que declara que sua família enfrenta dificuldades financeiras para mantê-la no ensino privado, mas mesmo com esses obstáculos, sua permanência ali lhe dá vantagens na competição educacional e futuramente no mercado de trabalho em relação aos alunos de escolas públicas. Nessa perspectiva, ela possui o *capital social*, que são as relações interpessoais que permite acesso aos recursos de outros membros desse grupo elitizado, isto é, as relações estabelecidas no colégio onde estuda, fazem parte de sua *sociogênese* (OLIVEIRA, 1996), a qual refere-se às formas do funcionamento social por meio das quais o sujeito internaliza as práticas que ali estão e assim constrói seu funcionamento psicológico.

Então, mesmo com o antagonismo socioeconômico entre JM11 e JF12, os dois possuem traços identitários e perspectivas parecidas, pois são jovens que frequentam o mesmo espaço escolar e que de maneira dialética constroem e transformam sua subjetividade.

Sobre a concepção de ser jovem, segundo Dayrell (2003), cada grupo social representará esse momento de maneira singular, em que aspectos geográficos, socioeconômicos, religiosos, étnicos, de gênero, entre outros, irão influenciar diretamente tais representações. Nesse horizonte, JF14 em sua fala reproduz uma perspectiva que contempla a afirmação desse autor ao perceber que os jovens estão em diferentes condições socioeconômicas e pertencem a grupos distintos. O que traz dificuldades/impedimentos no acesso, envolvimento e desempenho escolar de muitos deles.

4.2 Categoria 2 – Expectativas acadêmicas

Utilizamos novamente o Dicionário Houaiss para definirmos o que é expectativa: uma “situação de quem espera a ocorrência de algo, ou sua probabilidade de ocorrência, em determinado momento; [...] esperar, desejar, ter esperança; [...] aguardo” (HOUAISS, 2009, p. 1515). Nessa ótica, entendemos expectativas acadêmicas dos jovens entrevistados *como aquilo que eles almejam, isto é, seus projetos e/ou planos para o ingresso, permanência e conclusão do curso superior pretendido*.

A partir disso, voltamos a usar os estudos de Ciampa (2002), que aponta alguns elementos essenciais na formação da identidade e socialização. Assim, as expectativas acerca da graduação estão amalgamadas à construção identitária de cada sujeito em uma relação dialética com seu contexto. No início da vida temos, principalmente, a influência e valores familiares (salvo em casos excepcionais), depois, as relações se estendem para a escola e, dependendo do grupo social, essas relações sofrem variações qualitativas significativas, o que inclui as mudanças decorrentes do padrão escolar (infraestrutura e qualidade no ensino). Depois vem a juventude, momento em que ocorre a interação com outros grupos com maior intensidade, os quais, normalmente, estão ligados aos dois primeiros. Nessa ótica, a seguir, serão apresentadas as respostas coletadas nas entrevistas sobre a importância da família e da escola para a definição dos planos acadêmicos dos jovens pesquisados.

Ao interpretarmos o sujeito numa perspectiva vygotskyana, consideramos o mundo como seu “palco de negociação”, no qual as experiências constroem o funcionamento psicológico (OLIVEIRA, 1996). Assim, entendemos que esses jovens foram condicionados a esse futuro acadêmico no meio social em que vivem, pois sempre houve investimento financeiro e dedicação para esse fim. Nessa perspectiva buscamos, através do roteiro de entrevista, obter informações sobre os familiares dos(as) entrevistados(as) para saber quais eram os principais motivos que os levavam a promover a escolarização paga para seus filhos. Desse modo, sobre a importância dos estudos para seus genitores, eles responderam:

Qual a importância dos estudos para seus pais e/ou responsáveis? O que eles dizem?	
M11	“Mais é a questão de conseguir um emprego bom, uma casa, consegui sustentar a família, essas coisas gerais. Muito mais na parte de conseguir o sustento, de conseguir me sustentar”.
F12	“[...] eles incentivam muito que eu estude bastante, e é isso que eu faço, [...] tem uma frase que meu pai fala que é assim: “o estudo é a base do indivíduo”, ele joga na minha cara assim: “Tá vendo? Eu não completei o ensino médio, eu não fiz faculdade, tá vendo onde eu tô? Eu tô passando dificuldade” (sic).
F13	“[...] é a garantia que eu vou ter uma boa qualidade de vida no futuro, que eu vou ter um emprego, eu vou ter uma estabilidade financeira e provavelmente uma social também e moral. [...] eles falam que eu devo estudar, é importante tá estudando e que sempre buscar o conhecimento”.
F14	“[...] resumindo, minha família acha que os estudos trazem dinheiro. Basicamente isso. Eu vou dizer que eles admiram pessoas que ganham dinheiro, é só isso que eu tenho pra falar”.

Quadro 8: Elaborado pelo autor.

Ao considerar a importância da família na socialização de seus membros, percebemos que o imperativo acerca da escolarização de nossos sujeitos é sua consequência direta ao emprego e renda, e por isso investem financeiramente em um colégio privado. Apenas a resposta de JF13 mostra que, além disso, a importância dos estudos para seus pais abrange a formação cidadã e moral. É necessário pontuar que tais falas (sobre os valores dos familiares) reproduzem a máxima de nossa sociedade neoliberal, competitiva e consumista, a qual favorece prioritariamente o benefício próprio e privilégios para seu grupo, o que não quer dizer que os familiares dos entrevistados não ajam de maneira ética enquanto cidadãos, estando os relatos acima recortados para verificar apenas os aspectos mais relevantes sobre as benesses educacionais da rede privada de ensino vistas por eles.

A importância da escola na vida das pessoas em nossa sociedade é incontestável. Agora apresentamos a organização escolar e o cotidiano das moças e rapazes entrevistados através da análise de suas falas.

Horário das aulas:
Segunda à sexta-feira – De 7:10 às 12:30, horário regular.
Terças e quintas-feiras – De 14:00 às 17:40, inclui aulas, aplicação de avaliações e aulas preparatórias para o ENEM.
Estudos fora do horário escolar:
Segundas, quartas e sextas-feiras à tarde todos estudam e fazem as tarefas escolares. JF13 faz aulas de inglês aos sábados.
Disciplinas cursadas e padronizadas pelo MEC:
Artes, Biologia, Educação Física, Educação Religiosa, Espanhol, Filosofia, Física, Geografia, História, Inglês, Língua Portuguesa, Literatura, Matemática, Química e Sociologia.
Valor da mensalidade:
Segundo JF12 o valor mensal pago pelos seus pais referente ao 3º ano do ensino médio de onde estuda é de R\$1.140,00 .

Quadro 9: Elaborado pelo autor.

No quadro anterior apresentamos um panorama geral da organização colegial, ou seja, o *capital cultural em estado objetivado*, o espaço físico, os bens objetivos disponíveis no cotidiano dos indivíduos. Assim, podemos verificar que a possibilidade de investimento e dedicação ao estudo diário, cria um padrão comportamental em todos eles, tanto nos horários institucionais quanto no período em que não há aulas. Além disso, podemos ter acesso ao valor mensal pago por seus responsáveis para que eles possam usufruir do privilégio de estudarem na rede privada de ensino, R\$1.140,00, ou seja, R\$260,00 a mais que o salário mínimo (no ano de 2016), o que revela que apenas um pequeno grupo de cidadãos pode acessar esse e outros colégios privados, já que o valor a ser pago mensalmente não cabe no orçamento financeiro da maioria dos brasileiros.

Outro aspecto muito relevante acerca das desigualdades em nosso país surgiu durante a entrevista de FJ14, quando ela percebe que *praticamente não há jovens negros estudando naquele colégio*. Ao longo da entrevista, depois de um esforço, conseguiu se lembrar de apenas dois estudantes que tinham a pele de cor escura. Quando indagada sobre os possíveis motivos dessa segregação ela responde:

é tanto histórico quanto a forma que o negro é visto na sociedade também. E pela falta de possibilidade do negro, pelo menos até bastante tempo atrás, o negro ele não podia entrar na faculdade então ele acabava em trabalhos marginalizados em geral, então você pode perceber que a maioria da classe pobre é negra, e eu acho que é uma coisa bem histórica sabe. É, desde a abolição até agora a forma que eles foram tratados e são tratados até hoje em nossa sociedade. Então eu acho que dificulta tanto o preconceito quanto a atual conjuntura, né? Que é a que eles estão. Que é a de pobreza, no geral.

No discurso da entrevistada verificamos que ela consegue perceber o racismo existente no Brasil em relação à população negra, o que é algo incomum, pois o que é disseminado no e pelo senso comum nos dias atuais é a máxima neoliberal, em que não há a necessidade do Estado investir em políticas públicas sociais, o que inclui a educação, o investimento deve acontecer apenas nas políticas públicas econômicas, porque depende de cada indivíduo o sucesso pessoal, independentemente de raça/cor, gênero, condição socioeconômica, etc. Mas ao analisarmos de maneira objetiva a conjuntura social, tal tese é refutada, pois os pobres não estão no mesmo páreo no início dessa competição, não há igualdade de condições, conforme estudos de Souza (2015) que afirma que tal ponto de vista é “economicista” o qual tenta tornar invisível a luta de classes que está posta. Na realidade, enquanto existem pessoas que enfrentam dificuldades para se alimentar, há outras que literalmente brincam com o dinheiro e possuem em sua ostentação consumista, uma das principais práticas que produzem e reproduzem

zem as desigualdades. Como pessoas de grupos tão distintos podem competir entre si de maneira minimamente equânime? Essa possibilidade não há.

Considerando a realidade dos nossos entrevistados, o contexto favorável leva-os ao ingresso no ensino superior sem muitas dificuldades⁵, todos eles tem definido o curso pretendido, com exceção de JF14, que verbalizou ainda ter dúvidas em relação à sua escolha.

Curso superior almejado:	
JM11	Ciência da computação – UFMG.
JF12	Medicina (neurologia ou cardiologia) – UFMG.
JF13	Medicina – UFMG.
JF14	Psicologia – UFMG (dúvida se será esse o curso).

Quadro 10: Elaborado pelo autor.

Tais expectativas acerca do ingresso na universidade pareceram convictas e concretas, tendo em vista todo investimento desses e nesses jovens para essa finalidade. Outro ponto importante tem a ver com o fato de que todos, com exceção de JF12, têm pelo menos duas pessoas da família que estão cursando ou já concluíram a graduação (*o capital cultural institucionalizado*), fator que eleva a renda domiciliar e proporciona melhores condições para o acesso à educação básica de qualidade, além do fato de que tais parentes em formação ou já formados tornaram-se modelos para os mais novos, pois o ensino superior se tornou parte da realidade do grupo familiar. Os entrevistados, então, sem dúvidas possuem o *capital cultural em seu estado incorporado*, pois seus gostos, produzidos socialmente, são resultado de um processo dependente das condições materiais e simbólicas de sua família, levando-os ao domínio maior da língua culta, o entendimento das informações sobre os conteúdos estudados e do benefício da escolarização em todos os níveis de ensino.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociedade brasileira se configura em um sistema socioeconômico que promove desigualdade cuja consequência é a segregação explícita entre as classes pobre, média e abastada, a qual é banalizada e/ou justificada pela ideologia neoliberal, pregando que a meritocracia individual é a fonte do sucesso ou a causa do fracasso socioeconômico de cada um. Mas, ao pressupor que a infraestrutura econômica influencia fortemente os aspectos políticos e culturais de uma sociedade, esse discurso é questionado. Assim, ao se fazer uma análise Sócio-

⁵JF12 disse que sua única opção é fazer o curso em uma universidade pública devido à situação financeira familiar, pois o fato de ela estudar em colégio particular sem bolsa de estudos, impede que ela consiga ser contemplada com a bolsa de estudos PROUNI e outras que são oferecidas de maneira filantrópica.

Histórica de nossa sociedade, comprova-se que grande parcela da população possui seus direitos políticos, civis e sociais violados, incluindo o não acesso à educação de qualidade, constata-se que isso *impossibilita* uma competição justa, tanto para o acesso ao curso superior, quanto para a concorrência no mercado de trabalho.

Reconhecendo os limites desta pesquisa e sabendo que a partir dela não se consegue todas as respostas sobre o tema, e claro, respeitando o argumento da impossibilidade de “captura total e imparcial” da realidade, a análise dos dados coletados nos mostrou que os entrevistados seguem um padrão educacional favorável de acesso, investimento e continuidade da formação escolar que culminará no ingresso na universidade, que é almejada por eles desde o início do processo de escolarização, o que contrasta com o que ocorre em outros grupos sociais. Isso demonstra que ao possuir os capitais econômico (dinheiro) e social (familiares que concluíram o curso superior), os entrevistados incorporaram o capital cultural, tão desejado e ostentado, principalmente, pelas classes socioeconômicas privilegiadas.

Essa produção no campo da Psicologia mostrou-se relevante, por buscar compreender e ressaltar aspectos históricos e dialéticos de injustiça social, alimentada por discursos de respeito às diferenças, mas que carregam em si a expressão de um jogo de controle e exploração dos grupos mais fracos pelos grupos mais fortes, frente a uma realidade política de dominação de classes. Ao revelar que os jovens pesquisados são uma minoria (quantitativa) privilegiada em relação aos demais no processo de escolarização, fomenta-se a discussão sobre a desigualdade socioeconômica, internalizada pelos sujeitos sociais, trazendo elementos interessantes para reflexões futuras sobre violação dos direitos de cidadania, incluindo o direito à educação.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da educação**. São Paulo: Editora Moderna, 2. ed. rev. e ampl. 1996.

BALDIN, Nelma, MUNHOZ, Elzira M. Bagatin. Snowball (bola de neve): uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. X Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. I Seminário Internacional de representações sociais, subjetividade e educação. **Anais...** SIRSSE. PUC Paraná, Curitiba, 2011. Disponível em: <http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4398_2342.pdf>. Acesso em: 17 dez. 2015.

BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento marxista**. Zahar, Rio de Janeiro, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **A sociologia é um esporte de combate**. Direção : Pierres Carles. Produção : Véronique Frégosi, Annie Gonzalez. Roteiro/Montagem : Virginie Charifi, Youssef Charifi, Claire Painchault, Bernard Sasia. C-P Produções e VF Films. França. 2001.

CAZELLI, Sibeles. **Jovens e escolas: quais as relações?** 2005. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro. Programa de pós-graduação em educação. Rio de Janeiro. 2005.

CIAMPA, A. da C. Políticas de identidade e identidades políticas. In: DUNKER, C. I. L.; PASSOS, M. C. **Uma psicologia que se interroga: ensaios**. São Paulo: Edicon, 2002.

CHAGAS, Anivaldo Tadeu Roston. O questionário na pesquisa científica. **Administração Online**, v. 1, n. 1, 2000. Disponível em: <http://www.fecap.br/adm_online/art11/animal.htm>. Acesso em: 18 nov. 2015.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**. Editora Autores Associados. Rio de Janeiro, 2003.

FERRARI, Márcio. Lev Vygotsky, o teórico do ensino como processo social. **Revista Escola Abril**. Ed. Abril, São Paulo, SP, 2015. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/lev-vygotsky-teorico-423354.shtml>>. Acesso em: 03 de nov. 2015.

GONÇALVES, Maria da Graça Marchina. O método de pesquisa materialista histórico e dialético. In: **Psicologiasocial: método histórico-social na psicologia social**. Editora Vozes, Petrópolis, RJ, p. 86 – 104. 2005.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário eletrônico da língua portuguesa**. Instituto Antônio Houaiss, Rio de Janeiro. 2009.

MATHEUS, Tiago Corbisier. **Ideais na adolescência: falta (d)e perspectivas na virada do século**. São Paulo: Annablume: FAPESP, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza et al. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Ed. 23. Vozes, Petrópolis, RJ. 2002.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. Coleção Grandes Educadores. **Lev Vygotsky**. Documentário. Direção e Edição Regis Horta. São Paulo: Atta Mídia e Educação, 1996. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KwnIKDXeEdI>>. Acesso em: 10 de mai. De 2015.

ONU. Fundo das Nações Unidas para a Infância. UNICEF. **Ano Internacional da Juventude 2010-2011**. Disponível em: <http://www.unicef.org/brazil/pt/media_18637.htm>. Acesso em: 01 set. 2013.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. Uma introdução a Pierre Bourdieu. **Revista Cult Uol**. Ed. Bregantini, São Paulo, SP. 2015. Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/uma-introducao-a-pierre-bourdieu/>>. Acesso em: 30 out. 2015.

SOCHA, Eduardo. Pequeno glossário da teoria de Bourdieu. **Revista Cult Uol**. Ed. Bregantini, São Paulo, SP. 2015. Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/pequeno-glossario-da-teoria-de-bourdieu/>>. Acesso em: 30 out. 2015.

SOUZA, Jessé. **Entrevista:** Jessé de Souza: Nova classe média: um discurso economicista. Entrevista concedida ao O Instituto Humanitas Unisinos – IHU. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/516686-nova-classe-media-um-discurso-economicista-entrevista-especial-com-jesse-de-souza>>. Acesso em: 30 nov. 2015.